

Mais prazo para invasores

DF-Invasão

Secretário de Segurança diz que barracas na DF 003 serão toleradas; fiscais deram 24 horas para manifestante sair

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

Os integrantes de uma cooperativa habitacional que ocuparam uma área em frente ao Palácio do Catetinho, às margens da DF-003, poderão ficar onde estão, por enquanto. O Governo do Distrito Federal ainda não decidiu quando vai removê-los, mas deve fazê-lo até quinta-feira. "Como não se trata de uma invasão, mas de um acampamento, estamos permitindo que fique por lá. Mas não pode crescer nem fazer barracos", explicou o secretário de Segurança Pública do DF, Paulo Castelo Branco.

Por sua vez, o grupo - cerca de 400 pessoas -, acampado desde a sexta-feira passada perto do balão de acesso ao Gama, espera a publicação da política habitacional do governo, marcada para esta quinta-feira. "Vamos tomar um rumo a partir do que for publicado, mas não decido sozinho. Os cooperados é que vão decidir", afirmou Hildo Evaristo, presidente da *Cooperativa dos 10*

Anos Excluídos de Moradia no DF (Coop10).

No final da manhã, fiscais da Administração Regional do Núcleo Bandeirante estiveram no acampamento e notificaram o presidente da Coop10. Eles deram um prazo de 24 horas — até hoje, portanto — para que todos se retirem do local. O diretor regional de Fiscalização de Obras e Posturas, Wanderley Rodrigues, explicou que "os manifestantes fazem uso indevido de logradouro público."

O diretor informou que, caso os manifestantes não saiam até hoje, vai encaminhar um ofício para o Siv-Solo planejar a retirada. "Se isso ocorrer, iremos retirá-los ainda esta semana", afirmou. Entretanto, o secretário de Segurança Pública, Paulo Castelo Branco, classificou como "excessivo" o procedimento adotado pelos fiscais da Administração Regional do Núcleo Bandeirante. "Num determinado momento, teremos que retirá-los. Mas essa não será a atitude que tomaremos hoje. Vamos

esperar pela decisão deles (dos manifestantes)."

Paulo Castelo Branco aposta na saída pacífica do grupo até amanhã. "Está frio e há muitas crianças por lá", opinou. Contudo, o secretário promete removê-los caso isso não ocorra. "Estamos preparados para retirá-los", afirmou o major Esmeraldo Oliveira, subgerente do Siv-Solo. "Não vamos usar da força. Vamos persuadi-los a sair", garantiu o secretário de Segurança Pública.

Hildo Evaristo afirmou que os manifestantes estão dispostos a ir para a briga caso o governo decida remover o grupo. "Se vier com radicalismo, como nos retirar daqui, vamos queimar as lonas de nossas barracas na frente do Palácio do Buriti", reagiu. O presidente da Coop10 desmentiu a afirmação do secretário de Comunicação, Welington Moraes, dada à imprensa no final da semana, de que o grupo estaria usando as crianças como escudo.

"Reivindicamos a nossa moradia. É um direito. O governo tem muita área para dar. E se não qui-



ser dar, então venda, que compraremos", bradou Hildo Evaristo. O presidente da Coop10 afirmou que os cooperados estão indignados com a chegada da energia elétrica para a invasão da Estrutural. "O governo consolidou a

invasão. Não vai tirar os invasores de lá. E, se tirar, vai dar casa ou apartamento para eles", opinou.

LEI DO SILÊNCIO

Hildo Evaristo faz uma previsão pessimista da política habitacional a ser anunciada pelo governo Roriz. "Certamente será o massacre, o fim das cooperativas. Aliás, tudo o que o governo passado fez, esse tem destruído", comenta.

Apesar do ânimo à flor da pele, a situação estava calma, ontem, no acampamento. Algumas poucas mulheres tomavam conta das barracas de lona, em companhia dos filhos, enquanto os maridos saíram para trabalhar. Outras tantas estavam vazias. O Siv-Solo estima que há cerca de 150 barracos montados. Apenas

cinco policiais militares estavam de prontidão na área, para impedir o crescimento do movimento ou mesmo construções.

No acampamento impera a lei ditatorial do silêncio. Ninguém fala à imprensa, salvo com a autorização do presidente da Coop10. Como bons súditos, todos obedecem. "Isso foi uma decisão tomada em assembléia", justificou um dos integrantes da cooperativa, sem se identificar.

"Quando estão precisando de voto, eles (os políticos) vêm atrás de nós e oferecem lotes", reclamou o mecânico Francisco Gomes Severo, 46 anos, uma das duas únicas pessoas autorizadas a dar entrevistas. "Se arrependimento matasse, já estaria morto", afirmou ele, que se disse eleitor do governador Joaquim Roriz. Morador de Ceilândia, Severo afirma pagar R\$ 150 de aluguel e ganhar apenas R\$ 100, por semana, para sustentar dois filhos pequenos e a mulher, desempregada.

"Queremos o nosso lote", reivindicou Rosilene Fonseca, que alega morar no Distrito Federal há mais de cinco anos. Ela está inscrita na Coop10 há um ano e paga uma taxa mensal de R\$ 3. A casa própria é o antigo sonho da família, que não vê a hora de se livrar do aluguel.